

# A DIALOGICIDADE NO ENSINO SUPERIOR NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

Luis Carlos Trombetta<sup>1</sup>

Henrique Fernando Schmidt<sup>2</sup>

**Resumo:** O tempo de permanência dos jovens e adultos na academia é encarado como um momento singular para estas pessoas sob diversos pontos de vista. São diversos semestres/anos nos quais parte da população brasileira fica em salas de aulas, em diferentes laboratórios e em campos de pesquisas. Nestes espaços, convivem com experiências de ensino e aprendizagem que envolvem inúmeras aulas que são meramente expositivas, nas quais o método tradicional/bancário prevalece e outras experiências nas quais a disputa dialética, os debates fervorosos e as contradições são potencializados em sua radicalidade. Nestas últimas experiências, percebemos que estudantes e professores, discípulos e mestres não têm medo do contraditório e até o provocam. Neste pequeno artigo, pretendemos descrever uma experiência na qual a dialeticidade freiriana é tida como positiva nas relações pedagógicas e, concomitante a isto, demonstrar que o tema dos Direitos Humanos é atual e que deve ser bem trabalhado para que possamos desmistificar muitas coisas que na atualidade estão sendo faladas por aí de uma forma distorcida e ideológica. Faremos esta caminhada a partir das observações realizadas; a partir do debate entre os autores e também apoiados em bibliografias existentes concernentes ao fenômeno refletido.

**Palavras-chave:** Ensino superior, dialeticidade, contradições, direitos humanos, ensino e aprendizagem.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O processo formativo de uma pessoa envolve momentos informais, não formais e formais. Em todos estes momentos percebemos certas metodologias e certas didáticas presentes e que consciente ou inconscientemente influenciam o processo formativo e a vida das pessoas que aí estavam e estão envolvidas e comprometidas<sup>3</sup>.

A estrutura da educação brasileira divide-se em Educação Básica e Superior. Na primeira temos a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela UFRGS; mestre em Antropologia Filosófica pela PUCRS; bacharel em Filosofia com licenciatura em História e Psicologia pela FAFIMC; professor da FACCAT e da UCS; secretário de Educação de Igrejinha, RS.

<sup>2</sup> Psicólogo; Esp. Avaliação Psicológica em formação e acadêmico de Direito pela FACCAT.

<sup>3</sup> O comprometimento é mais interessante do que o mero envolvimento, pois supõe pegar junto, arregañar as mangas, estar atento e vigilante para ver se as coisas estão acontecendo da maneira que se esperava no início da caminhada. Alguém pode estar envolvido, mas não comprometido.

Nesta etapa se potencializa mais o ensino e, dentro desta visão, o professor ainda exerce um importante papel, pois é dele que partem os maiores conhecimentos epistemológicos que são compartilhados com os estudantes. É claro que existem experiências bem positivas nas quais os estudantes são protagonistas de muitos processos, mas, na maioria das vezes, temos professores transmitindo conhecimentos e estudantes captando-os através de uma relação meramente vertical.

Na academia convivemos com muitas experiências pedagógicas. Nelas pressupomos o ensino, a extensão e a pesquisa. A concretização deste tripé é indispensável para que possamos dizer que, de fato, ela cumpriu com seu dever e fez com que os estudantes tivessem oportunidades diversas para potencializarem suas faculdades individuais e se tornassem excelentes dentro das devidas especialidades. Imaginar o ensino superior sem estas marcas é muito triste, haja vista que o Ensino Médio é o responsável precípua pelo ensino e também por estímulos e ensaios em direção à pesquisa.

O que nos preocupa e que ocorre em alguns espaços acadêmicos é a continuidade ou a repetição da prática pedagógica da Educação Básica no Ensino Superior. Em muitas disciplinas, de diferentes cursos superiores, não se potencializam os debates e as pesquisas. Presenciamos situações nas quais os professores, ao usarem recursos tecnológicos, o fazem de forma inadequada, pois, em essência, continuam exercendo uma prática tradicional, autoritária e bancária de apresentarem suas 'lições'. Os estudantes, verdadeiros alunos<sup>4</sup>, continuam passivos às lições apresentadas e até se conformam com estas situações. Na academia então não se debate, não se questiona, se produz pouco em extensão e quase que nada em pesquisa. É uma realidade cruel e que nos dá pistas para compreendermos o baixo nível de qualidade intelectual dos egressos dos cursos superiores.

É interessante destacar que existem muitas experiências positivas no Ensino Superior e que devem ser mostradas. O que faremos, neste ensaio, é mostrar uma destas experiências que ocorre na FACCAT na disciplina *História do Pensamento Jurídico e Direitos Humanos*, no segundo semestre de dois mil e quinze. Neste seminário/disciplina trabalhamos o processo de consolidação dos Direitos Humanos

---

<sup>4</sup> Esta observação está sendo feita, pois os alunos são aqueles que não têm luz própria tendo em vista seu papel de mero receptor de informações; o estudante, por sua vez, é aquele que participa ativamente no processo de formação. É neste contexto que usamos tal diferenciação.

a partir de uma literatura volumosa e em dezesseis aulas/encontros. O aspecto que iremos ressaltar nesta descrição é a forma como estão se dando os estudos: os estudantes estão sendo protagonistas do processo e o professor é o mediador dos debates que estão ocorrendo em sala de aula. É dentro desta visão que está se concretizando uma das hipóteses de trabalho de Freire, pois ele dizia que 'ninguém ensina/educa ninguém e nós aprendemos ou nos educamos conjuntamente e coletivamente'.

Além da forma temos também a preocupação com o conteúdo trabalhado no seminário/disciplina. Estamos mediando estes estudos tendo presente que o espontaneísmo não deve prevalecer e é por isso que debatemos em demasia todas as colocações feitas potencializando desta forma o epistemológico. É em consonância com esta visão que podemos apresentar um segundo objetivo deste breve artigo: explicitar que a questão dos Direitos Humanos, além de ser um fenômeno histórico, é um meio de concretizarmos ações objetivas em direção ao melhoramento do processo civilizatório que também é feito pela educação.

Podemos dizer que é muito interessante fundamentar estes conceitos, pois é a partir disto que podemos falar com mais objetividade acerca deles e ver as imbricações destes com a proposta freiriana.

## **2 A PRÁXIS PEDAGÓGICA E DIALÓGICA**

A trajetória dos Direitos Humanos está sendo contada e debatida na disciplina História do Pensamento Jurídico e Direitos Humanos no curso de Direito que ocorre na FACCAT, segundo semestre de dois mil e quinze. Somos em quarenta e nove atores e, dentro do possível, todos têm a possibilidade de fazer uso da palavra em contínuas rodas de conversa.

O semestre foi pensado da seguinte forma: depois de combinarmos com o coordenador do curso as aulas e conhecermos a ementa, fizemos um planejamento das atividades tendo presente o acadêmico como protagonista de seu processo de conhecimento. Neste sentido, a metodologia é convergente com este propósito, pois convida os estudantes a serem protagonistas, atores e responsáveis pela construção do seu próprio conhecimento.

No primeiro encontro, além da apresentação pessoal e da ementa, fizemos uma exposição de nossa biografia (um breve memorial) tendo presente

explicitamente os atos realizados e neles as conquistas, mas estas salientavam a materialização/concretização de direitos humanos. Em seguida começamos a conversar e explicitar os aspectos relacionados com direitos que todos deveriam ter: casa/habitação, educação, saúde, transporte, liberdade, etc. Pensamos que com esta forma de iniciar o semestre sensibilizaríamos os acadêmicos para que pudessem falar livremente durante as aulas.

Nós, professor e estudantes, percebemos que as aulas na faculdade acontecem regularmente a partir de um determinado rito: os professores falam grande parte do tempo e os/as acadêmicos/as escutam; são raras exceções a esta regra. Em nossa concepção pedagógica pensamos que é possível ser e fazer diferente, pois

Como *corpos conscientes*, com sensibilidade, reflexão, diálogo, imaginação e ousadia, os seres humanos podem modificar e recriar os seus direcionamentos históricos, muitas vezes transcendendo as situações concretas herdadas de gerações anteriores, embora num primeiro momento tenham sido condicionados pelo legado sócio-histórico-cultural do grupo social a que pertencem, num determinado tempo-espaço (HENZ, 2007, p. 150 e 151).

É a partir da visão de que é possível fazer o diferente nas relações entre educador e educandos que podemos trabalhar a ideia de protagonismo dos estudantes nas aulas. Temos presente que não é fácil, num primeiro momento, lograr êxito com esta dinâmica, pois para alguns/algumas as participações podem ser superficiais, ser sem objetividade, sem profundidade teórica e sem seriedade intelectual. Destacamos que

[...] as escolas (universidades) estão incumbidas a trabalhar mais especificamente com o conhecimento, como elemento impulsionador, motivador ou desafiador de diferentes atitudes frente à vida, à história e ao mundo; somente superando uma concepção mágica, mecanicista e cientificista do mundo e da educação, assentada em concepções dogmáticas, será possível desencadear uma práxis educativa dialógica, reflexiva e criativa, capaz de gerar transformações na realidade e nos próprios seres humanos que vão aprendendo a se assumirem como agentes ativos, como sujeitos do processo no qual e pelo qual se descobrem sendo gente (ou impedido de ser), humanizando-se intersubjetivamente (Idem, p. 151).

Depois das primeiras três aulas nas quais apresentamos, enquanto professor e mediador dos debates, os primeiros conteúdos da disciplina com seriedade epistemológica e, ao mesmo tempo, com abertura para intervenções e interpretações hermenêuticas atualizadas percebemos que o clima ficou

interessante e a partir desta propedêutica é que encaminhamos os outros capítulos para que cada grupo, no período de quinze dias, fizesse a leitura, análise, interpretação e compreensão de cada um dos conteúdos e, em seguida, organizasse uma forma específica para apresentar à turma.

Já nas primeiras aulas percebemos uma vontade grande de vários acadêmicos/as em falar e expor suas ideias; é claro que puderam fazer isto e, neste momento inicial do semestre, sem grandes preocupações com a rigorosidade de suas exposições. O que aconteceu gradativamente é que eles e elas perceberam que o que vem da rua, da vida cotidiana é importante, mas o imbricamento destas informações com as teorias é indispensável.

[...] nunca se deve desprezar o conhecimento menos consciente ou menos reflexivo, com o qual meninos e meninas, homens e mulheres *vem sendo*; pelo contrário, deve-se sempre partir do senso comum, da leitura de mundo e de vida ainda não sistematizados para chegar-se a uma concepção mais reflexiva, crítica e sistemática que contribua para desenvolver em todos(as) processos de conscientização (idem, *ibidem*).

Talvez, segundo nossa opinião, foi e é esta abertura para que cada um/a possa falar acerca do mundo, do Brasil e da própria realidade do nosso estado que está deixando cada um/a mais soltos/as para opinarem. Nestes momentos de debate, o diálogo é uma marca importante e como a turma é bastante heterogênea e eclética todas as intervenções são ouvidas com atenção, tolerância e, acima de tudo, com muito respeito. Vemos que é neste embate, nesta disputa que estamos nos apropriando dos conteúdos e relacionando-os com as coisas do cotidiano e nos tornando mais críticos e conscientes.

A conscientização não é, pois, uma ciência da consciência; ainda que integrando a prática teórica das ciências em sua *práxis* total, é sobretudo, opção e luta. Opção pelo homem e luta por sua desalienação (FIORI, 1991, p. 74).

A transparência na relação e nas colocações é uma marca importante nas relações existentes entre mestre e discípulos. Esta relação dialética é rica, mas sem sinceridade e sem seriedade podemos fracassar. Desde os primeiros momentos destacamos que nossos grandes desafios eram, são e serão os de vencermos a alienação e a ideologia. Ao fazer isto teremos a concretização da *práxis*, ou, em outras palavras, a consciência do que estamos fazendo e dos favorecidos e ou prejudicados por elas.

Cada um destes estudantes vivencia uma realidade social e, a partir dela, está refletindo para ver como é que a disciplina se relaciona com esta realidade social. A criticidade, a conscientização e a ação transformadora surgirão destes imbricamentos. Todo este percurso pressupõe certa dinâmica metodológica onde vários elementos devem ser considerados:

[...] sempre partir da realidade, da visão que cada um e cada uma tem do mundo, do trabalho, do conhecimento ou de um determinado assunto; partir do sentir/pensar/agir presente nas concepções e ações dos (as) sujeitos, para a elas retornar com um novo enfoque, capaz de conscientemente ir construindo novas visões e ações transformadoras (HENZ, 2007, p. 152).

A abertura ao diálogo possibilita claramente a visão da própria realidade, num primeiro momento espontânea e superficial, e, logo em seguida, o novo enfoque iluminado pela razão e construído à luz dos textos propostos. As interações dos homens com a realidade e as ações que estes exercem sobre aquela é algo que deve acontecer e tudo isto somente é possível de se compreender através da reflexão, através da *práxis*. O conhecimento do mundo ampliado promove mudanças nos próprios seres humanos e estes também se modificam e passam a ter novas atitudes com relação ao sentir, ao pensar e ao agir. É aqui, segundo nossa interpretação, que se concretiza a ideia de Freire de que a educação é um processo e um compromisso político, pois estes homens/mulheres passarão a ter novas ações intencionais, conscientes e transformadoras e tudo isto acabará potencializando e ampliando o conhecimento que têm disto tudo.

Os encontros com os acadêmicos do curso de Direito da FACCAT estão sendo positivos e esperançosos, pois estamos, a partir de nossa conscientização e do nosso engajamento nas diferentes áreas de atuação de cada um/a podendo fomentar possibilidades de diferentes lutas transformadoras onde quer que cada um esteja em prol dos Direitos Humanos.

Há uma dialeticidade intrínseca ao processo, onde simultaneamente 'eu me conscientizo para lutar. Lutando, me conscientizo'. [...] É na *práxis* e na reflexão sobre a luta que a tomada de consciência se aprofunda enquanto processo de conscientização, implicando sempre mobilização e comprometimento transformador (HENZ, 2007, p. 153).

A intencionalidade, presente na ementa, de que os futuros '*operadores do Direito*' tenham presente o comprometimento transformador em torno da vida, da

liberdade, da solidariedade, da educação, da saúde e de todos os outros valores atinentes ao Estado Democrático de Direito é algo positivo.

Em nossos encontros percebemos que a grande querela existente/reinante é a que opõe os direitos naturais aos direitos positivos (jusnaturalismo versus juspositivismo). Desde os primeiros encontros fomos instigados a pensar profundamente acerca das lutas travadas para se garantir os direitos humanos; vimos que partindo dos gregos até os dias atuais os avanços e os recuos nesta dimensão são mais comuns do que imaginamos. Em alguns momentos, os direitos foram vistos como algo mais coletivo e colaborativo; em outros, eles ficaram mais voltados ao indivíduo e tudo aquilo que o cerca.

Em nossos encontros procuramos manter um clima propício para o estudo e debate dos temas pautados na ementa da disciplina. Estamos estudando uma "Breve História dos Direitos Humanos" de Alessandra Facchi e vendo que desde mil e quinhentos até os nossos dias vivenciamos avanços e reveses na questão dos Direitos Humanos. Além desta obra também estamos vendo "A Era dos Direitos" de Norberto Bobbio e Direitos Humanos de Culleton, Bragato e Fajardo. Em todas estas obras, o espírito é o mesmo: mostrar e perceber que, além dos direitos políticos e civis, se faz necessária a introdução e consolidação dos direitos sociais nas constituições e demais leis. Esta conclusão ficou explícita, pois pudemos ver que as nações da Europa, ao fazerem esta passagem e garantirem os últimos direitos, passaram a ter mais tranquilidade social e mais paz.

Nesta altura do semestre já podemos ver que as/os acadêmicas/os já percebem a importância dos Direitos Humanos e, além disto, conhecem parcialmente a história evolutiva dos mesmos. Cada um/a deles/as compreende a noção de universalismo e já está fazendo as devidas aproximações com os fenômenos sociais que estão ocorrendo em todo o mundo. A este respeito lemos o seguinte em Freire:

A grande força sobre que alicerçar-se a nova rebeldia é a ética universal do ser humano e não a do mercado, insensível a todo reclamo das gentes e apenas aberta à gulodice do lucro. A ética da solidariedade humana (FREIRE, 2011, p. 126).

A partir desta colocação temos presente a urgente e necessária mudança de visão em torno dos Direitos Humanos; de fato, precisamos saber que, ao longo da

história, o que dificultou o aprimoramento das políticas públicas voltadas para as questões foi uma lógica do mercado que é capitalista e individualista.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mais de um século já se passou e os gritos de Marx e Engels ainda ecoam em defesa da união das classes trabalhadoras do mundo, ainda que hoje os motivos tenham sido repintados, assim como a sociedade, é imprescindível a insurreição de gente contra o mal que nos aflige: a negação de nós mesmos como seres humanos que somos (FREIRE, 2011). Como estudantes, como gente, tal e qual proposto outrora por Paulo Freire, devemos iniciar nesse levante com simples questionamentos: estudamos apenas por estudar? Em favor de que estudamos? Em favor de quem? Contra que? Contra quem?

Somos todos gente, de todo tipo. Buscamos constantemente a mudança, a melhoria, a (in)formação, a reorientação, tudo isso, porém, porque existe gente que nega seus valores, nega a si mesmo, se acorrenta a ideologias como se nada mais houvesse, gente que recua e oprime aquela mesma gente que almeja o crescimento, não só pessoal, mas sim de toda a gente (FREIRE, 1987).

A *práxis*, compartilhada entre docente e discentes da disciplina de *História do Pensamento Jurídico e Direitos Humanos*, libertadora, no sentido da aproximação de todos aos preceitos daquela gente, a primeira, que busca o crescimento, o novo, em defesa de toda uma classe. Essa educação crítica, que transmuta nossa curiosidade da simplicidade espontânea até a mais desafiadora reflexão acerca de tudo que nos permita crescer, revela, como já dito por Freire (1979), o quão inacabados somos. Tal característica, entretanto, resta compreendida no sentido de uma dívida de nosso inacabamento enquanto gente, pela qual temos a única certeza de que o caminho a seguir é aquele traçado por uma infindável busca de mais.

Ao longo dessa jornada, nossa busca individual que movimenta o coletivo, deparamo-nos com os mais diversos estilos de relação docente e discente, experienciamos àquelas, as marcadas pela transmissão autoritária da informação, como também as de respeito à autonomia e à dignidade do indivíduo em sua diversidade. Esta última, a dialogicidade verdadeira, revela-se como o alicerce do aprender e crescer em respeito à diferença (FREIRE, 2011).

Essa diferença, não apenas em se tratando de níveis de escolaridade ou idade, mas também ideológica que, assim como no grupo de estudantes da disciplina de *História do Pensamento Jurídico e Direitos Humanos*, está presente em tudo; no mundo, nas relações humanas. A diferença, a não ser confundida com desigualdade, nessa prática humanizadora e emancipadora, acaba por convergir em um denominador comum: o que antes separava, agora, pelo mérito da dialogicidade, do ensinar fruto do aprender, complementa e faz a todos crescer. Uma educação que, de fato, mostra-se geradora de transformação.

O crescimento se dá pela união dos saberes, assim como Freire já postulava a ideia de uma unidade na diversidade, de modo que:

[...] a unidade na diversidade tem de ser a eficaz resposta dos interditados e das interditadas, proibidos de ser, à velha regra dos poderosos: *dividir para reinar*. Sem unidade na diversidade não há como sequer as chamadas *minorias* lutarem [...] quanto mais superar as barreiras que as impedem de “ser si mesmas” ou “minorias para si”, umas *com* as outras e não umas *contra* as outras (FREIRE, 1992, p.77)

Nossos encontros, norteados por essa *práxis* pedagógica e dialógica, são vivenciados de forma única a cada dia que se passa. Os debates, mais do que aquilo pautado na ementa da disciplina, retratam o crescimento de toda essa gente, seja docente, seja discente, gente unida em busca do clarificar, do verdadeiro preceito de ética universal do ser humano. Para Freire (2011, p.19), uma “ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana”.

Por inacabados que somos, e sabiamente reconhecemos, essa construção, de uma mesma forma, não termina em um ponto final, mas sim pelas reticências que movimentam nosso pensar. Seguiremos em frente com a sensação de termos cumprido com o nosso dever nesta etapa inicial de caminhada e, conscientemente, seguindo uma teoria pedagógica crítica capaz de potencializar o diálogo e empatizar um novo grupo com uma das questões mais nobres da humanidade: os Direitos Humanos.

## REFERÊNCIAS

FIORI, Ernani Maria. **Textos Escolhidos: Educação e Política**. Porto Alegre: Ed: L&PM, 1991. v. 2.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HENZ, Celso Ilgo. Na escola também se aprende a ser gente. In: HENZ, Celso Ilgo; ROSSATO, Ricardo (orgs.). **Educação humanizadora na sociedade globalizada.** Santa Maria: Biblos, 2007.